

Arqueologia *em* Calendário

Junot entra em Sacavém **29 de novembro de 1807**

No início da noite do dia 29 de novembro de 1807, por volta das nove horas da noite, os habitantes do lugar de Sacavém assistiram à chegada do exército invasor. A vanguarda das tropas de Napoleão Bonaparte, comandadas por Jean-Andoche Junot, surge às portas da cidade de Lisboa. Em Sacavém, Junot é recebido por uma comitiva de representantes do Conselho de Regência, emissários do governo português que tinham recomendações do príncipe regente, D. João VI, para acolherem os franceses de forma amistosa.

A primeira invasão francesa entrou no terri-

tório português a 17 de novembro, pela fronteira de Segura, na Beira Baixa, e, após uma marcha forçada e difícil por estradas praticamente intransitáveis, alcançou as imediações da capital do reino. O general Junot vinha de Santarém, mais concretamente do Cartaxo, onde na madrugada do dia 29 foi avisado que a família real embarcava com destino ao Brasil. Procurou com a maior brevidade vencer a distância que o separava de Lisboa e, apesar do grande esforço, só chega a Sacavém ao início da noite nesse mesmo dia. Somente na manhã do dia seguinte, muito cedo, segue a sua marcha até Lisboa tendo mandado um

Junot entra em Sacavém

29 de novembro 2015



Entrada de Junot em Lisboa

destacamento tomar posse do depósito de Beirolos, onde se guardava uma grande quantidade de pólvora. Ainda conseguiu alcançar Belém a tempo de ver o final da coluna das embarcações portuguesas que se dirigiram rumo ao Brasil. Vem daí a expressão popular "ficar a ver navios".

Logo no dia 29 de novembro são tomadas providências, pelas autoridades portuguesas, para que comecem as obras necessárias para prover a passagem do rio Trancão de uma ponte de barcas. Na altura havia uma passagem à barca, mas esta forma de atravessar o curso de água não era eficaz para um contingente militar e respectivas equipagens de um exército invasor. Sabe-se que no dia 5 de dezembro a ponte já estava concluída, e que nos dias seguintes as tropas francesas ocuparam progressivamente a cidade.

À semelhança de outras localidades, Sacavém teve de assegurar o aquartelamento de algumas dessas tropas invasoras, garantindo o abastecimento de rações alimentares, camas, vestuário e calçado. As populações

destas regiões, que tinham que assegurar a receção dos militares, começaram a sentir dificuldades em proteger os seus bens e são várias as descrições de abusos e de pilhagens.

O prior de Sacavém da altura, Francisco António Ferreira da Fonseca, escreve numa carta dirigida a D. Miguel Pereira Forjaz (Secretário de Estado dos Negócios de Guerra) o seguinte: "Desde o triste dia 29 de novembro em que o nosso Soberano se ausentou ficou Lisboa em numa Regencia que por sua ordem do mesmo senhor devia receber bem as Tropas Francesas. E qual vassalo, sem hum crime enorme, se atreveria a desobecer recebendoas mal ou maltratandoas? Eis que por que os Regentes, os Tribunais, e todos recebemos o melhor possível estas tropas, que não tardarão em abusar da recomendações de S. A. R. e dos empenhos de todos, que os quizerão abrigar com obséquios, em que principalmente se distinguio o Senado da Camara. Bem depressa os que entrarão sobre monstnança de amizade fizeram o ataque mais solenne ao Principe e à Nação inteira! Nós os vimos apoderar-se do Trono, e de todas as Regalias, mandar sobre o Conselho da regência; impor contribuições

de Guerra sem Guerra, exigir hum regaste sem preceder victoria, em couza alguma, que os Direitos conhecidos no Mundo polido pudesse autorizar. O respeito, a recomendação Soberana foi só, quem nos conteve, e eles abusando desse mesmo respeito tirarão as Armas do reino, e as da qual se receavam, fizeram ausentar a nossa tropa, desarmarão todos os Portuguezes, e fizeram todos impossível, o que todos dezejavão. Desde então os horrores são indizíveis: a Religião Santa, o Direito das Gentes e o mesmo Natural, tudo gemeo, atacou-se tudo! Os Templos, os Altares, as Virgens, nada escapou a estes enganadores, que prometendo limpar de mendigos as ruas da bela Cidade as encherão deles em mais de quadruplo. Não podia nesta Corte saber-se do reino, se não o que eles querião. Mas, no meio de mil noticias, que eles mesmo espalharão para confundir sempre se pôde saber o cazo de Hsipanha, ainda mais horroso, que o de Portugal. (...) As riquezas dos Palacios Reaes, e particulares e da mesma Santa Igreja, tudo está expulso. Até o publico Depozito (Que horror!) tudo se expulso já depois que dizem que estão tratando ajustes. Enfim dizem que vão saquear a Cidade, queima-la, e araza-la, se os Exercitos

1**2****3****4**

Junot entra em Sacavém

29 de novembro 2015

os quiserem forçar”¹

Com efeito, o reino de Portugal cedo verificou que o exército de Junot não vinha apenas para nos “libertar” do jugo inglês, conforme proclamava nos seus avisos públicos. Os avultados impostos de guerra, o peso do aquartelamento das tropas, os roubos e pilhagens, as mortes, aumentaram o descontentamento dos portugueses, no sentido de começarem a organizar uma forma de reverter a situação.

¹ In Livro de registo dos decretos, avisos e portarias sobre matérias de Polícia - Liv. 85.